

TRIBUTO A MARIO OSORIO MARQUES: À Guisa de Apresentação

*“a vida não é o que é; é a interpretação que dela fazemos
e o ânimo com que a enfrentamos”*
(M. O. Marques).

Paulo Evaldo Fensterseifer¹

Celebrar a memória de “pais fundadores” é uma tradição nas repúblicas modernas, tradição que achamos apropriada para reverenciar a memória de pessoas, homens e mulheres, que ousaram iniciar empreendimentos que impactam a vida de uma comunidade, seja no âmbito pessoal, seja nos aspectos profissionais que se desdobram em ações políticas capazes de reconfigurar contextos sociais.

Mario Osorio Marques foi certamente um desses casos que marcaram vidas, constituíram profissionais e alteraram o contexto no qual se inseriram. Por isso, nada mais justo do que reverenciar sua trajetória, revificando memórias comuns daqueles que com ele conviveram, destacando aspectos de sua profícua produção intelectual, evidenciando ainda o quanto sua obra continua repercutindo e inspirando seus leitores a pensar acerca dos temas que o ocuparam, e, com esse gesto, cocriando novas perspectivas capazes de iluminar as ações humanas no contemporâneo.

Os textos que integram este dossiê estão centrados nas repercussões das ideias de Mario Osorio Marques na formação de professores e práticas pedagógicas, nos conceitos centrais de sua obra, expressando as relações dos ex-alunos do Programa de Pós-Graduação por ele projetado, daqueles que conviveram com ele, como parceiros de pesquisa e interações, bem como de leitores sensíveis que intuíram residir em escritos de nosso homenageado a potência para novos pensares.

Na sequência faremos uma exposição sucinta, como um “aperitivo” do que leitores e leitoras encontrarão nos artigos que seguem. Procuramos estabelecer uma certa lógica pelas temáticas abordadas, mas sem a pretensão de sugerir a ideia de “blocos”, ou “seções”, uma vez que os leitores e leitoras poderão fazer seus próprios percursos de acordo com seus interesses e curiosidades.

Começamos pelo artigo de Lindomar Boneti, denominado *Mario Osorio Marques: ação educativa com amorosidade, os caminhos dos direitos humanos*, o qual destaca que para Mario “uma ação educativa estaria para além do ensinar e do aprender ou da sua própria docência e sim no pensar o social na perspectiva da busca do bem-estar humano, na intercessão entre a ação social e a produção intelectual acadêmica”. No entender de Boneti, uma ação educativa constituía-se para ele em “expressão da amorosidade”. Lembra o autor o contexto vivido por Mario, que expressava, de certa forma, seu

¹ Doutor em Filosofia e História da Educação pela Unicamp. Professor aposentado da Unijuí/PPGEC. <https://orcid.org/0000-0002-4914-5281>

próprio movimento do rural para o urbano, experienciando, reflexivamente, os acontecimentos da modernidade na particularidade brasileira. Diante disso, Boneti destaca que Mario Osorio Marques buscou instituir uma ação educativa inspirada nos princípios freirianos, “aquela que leva à reflexão, à produção do pensar a partir do mundo social” contribuindo para a autonomia pessoal, “a partir da dialogicidade na troca de saberes, promovendo assim a autonomia e a liberdade, atendendo os preceitos dos Direitos Humanos.”

Na sequência podemos ler o artigo *Educação, formação e aprendizagem: uma leitura da obra de Mario Osorio Marques*, de autoria de Cledes Antonio Casagrande e Cristine Gabriela de Campos Flores. Para estes autores, os conceitos de Educação e Aprendizagem são centrais na obra de Mario e aparecem correlacionados com Formação e Humanização. A aprendizagem constitui-se para ele em “processo de reconstrução autotranscendente do ser humano e dos componentes estruturais do mundo da vida: a cultura, a sociedade e a identidade”. Destacam ainda a influência que o autor teve da *Teoria do Agir Comunicativo*, de Jürgen Habermas, concluindo que para Marques, a “Pedagogia é a ciência dos educadores, nunca isolados, mas convidados coletivamente, em diálogo com a comunidade e atentos ao próprio contexto histórico-social, a estruturar saberes acerca de si mesmos e das ações educativas, por meio da reflexão crítica sobre o próprio fazer pedagógico”.

O artigo de José Pedro Boufleuer, professor que conviveu com Mario e se fez estudioso de sua obra, denominado *Formação e Aprendizagem em Mario Osorio Marques*, também destaca a centralidade dos conceitos de formação e aprendizagem na obra do autor. Para José Pedro, o tema da aprendizagem é compreendido “à luz de perspectivas teóricas estabelecidas ao longo de vários anos de pesquisa sistemática em torno das questões do conhecimento, da Pedagogia, da docência, da racionalidade, dentre outras”, o que permitiu que Mario Osorio pensasse a aprendizagem, considerando “a forma como nos tornamos humanos e constituímos o mundo comum”.

Por sua convivência com Mario Osorio, e sabedor do quanto este valorizava a tradição hermenêutica, José Pedro lembra o quanto nosso homenageado gostava de enfatizar a importância do outro (alteridade) na configuração daquilo que podemos denominar “razoável”, não cansando de repetir: “Louco não é aquele que perdeu a razão, mas aquele que acha que tem razão sozinho”. Por esta postura, Mario manteve-se apreendente até os últimos dias de sua vida, e este é, quem sabe, seu maior legado.

No artigo *Formação e práticas pedagógicas de professores: um olhar significativo das contribuições de Mario Osorio Marques*, Juan Campos de Oliveira e Marlece Melo Fonseca propõem-se a “explorar questões relacionadas ao legado da obra de Mario Osorio Marques no campo da educação”, valendo-se para isso de publicações e documentos legais que tratam da docência, buscando perceber a influência de Marques sobre a formação de professores e as práticas pedagógicas.

Após destacar aspectos da obra de Mario para pensar os processos de formação docente diante dos desafios contemporâneos, os autores concluem que ele “não nos oferece apenas uma herança intelectual, mas um desafio: o de assumirmos a responsabilidade de educar para a liberdade, para a reflexão e para a transformação”. Sugerem ainda que suas ideias podem contribuir para a construção de “uma prática pedagógica

que seja capaz de honrar o compromisso com a sociedade, com o saber e, acima de tudo, com o ser humano”.

Em artigo denominado *Escrever é preciso: memórias e histórias da obra do professor Mario Osorio Marques*, Tania Hetkowsky e Valeska de Oliveira destacam o privilégio de ter convivido com quem denominam “gigante”, que as marcou para sempre na condição de educadoras e pesquisadoras. Traçam um recorte da obra de Mario para enfatizar a potência de um de seus livros: *Escrever é preciso, o princípio da pesquisa*. Obra que, segundo as autoras, continua contribuindo na “criação e composição de muitos escritos, na formação de algumas centenas de novos pesquisadores/as na Universidade Federal de Santa Maria/UFSM e na Universidade do Estado da Bahia/Uneb”.

Como aspecto conclusivo, o artigo destaca que Mario Osorio “nos move e nos convida o tempo todo, a proporcionarmos aos nossos estudantes pesquisadores, de todos os níveis de formação” a partir do que ele ensina em sua obra e que aqui reproduzimos: “importa escrever para buscar o que ler; importa ler para reescrever o que se escreveu e o que se leu. Antes o escrever, depois o ler para o reescrever. Isso é procurar; é aprender: atos em que o homem se recria de contínuo, sem se repetir. Isso é pesquisar” (Marques, 2006).

As professoras pesquisadoras Vânia Lisa Fischer Cossetin e Maria Regina Johann contribuem para esse dossiê com a resenha da obra *“Escrever é preciso: o princípio da pesquisa”*, livro de Mario que foi objeto do artigo anterior. A preocupação das autoras é evidenciar as três motivações do autor na escrita desse livro, e que se aplicaria a toda e qualquer escritura. A primeira motivação “refere-se a uma dimensão do escrever segundo a qual sempre está suposto um possível leitor, o que atribuiria sentido a tal projeto”. Já a segunda motivação corresponde “a um dos maiores desafios do escrever que está em começar, uma vez que só se escreve escrevendo, não havendo exatamente algo como que uma preparação para tal empresa”. A terceira refere-se à preocupação em distinguir o escrever da escrita, considerando que “o reescrever sempre será necessário e o ler sempre conduzirá a outras leituras possíveis”. Sustentam que a centralidade dessa obra é a “hipótese de que o escrever é o princípio da pesquisa”. Tomadas pelo conjunto da obra, as autoras autorizam-se a afirmar que “a pesquisa se mostra como uma dimensão potencialmente válida na medida em que ela inter-relaciona teoria e mundo da vida”.

Seguindo as interlocuções com a obra do Mario sobre a centralidade da escrita para a “aventura” da pesquisa, Charles dos Santos Guidotti e Maria do Carmo Galiazzi desenvolvem seus argumentos no artigo intitulado *O escrever como princípio formativo de professores: contribuições de Mario Osorio Marques ao Pibid da Furg*. Alicerçados no entendimento de Marques (2003) sobre educação como interlocução, o artigo destaca a contribuição do diálogo de saberes para a promoção de um entendimento compartilhado entre os integrantes de uma mesma comunidade, nesse caso “integra teoria e prática, envolvendo tanto professores em formação inicial quanto docentes experientes em uma articulação entre Escola e Universidade”.

A título de conclusão, os autores trazem como evidência que ao “assumir o escrever como princípio formativo, o Pibid da Furg materializa as ideias de Marques

ao criar oportunidades para que a prática docente seja continuamente interrogada, registrada e compartilhada”. Destacam ainda, concordando com Marques, que “a escrita se configura como um espaço para a construção e reconstrução do conhecimento, favorecendo a compreensão das experiências vividas”.

O artigo que segue leva por título *Contribuições de Mario Osorio Marques para a formação de professores na contemporaneidade*. As autoras Carla Maria Leidemer Bruxel, Dione Beatris Salviano e Vidica Bianchi escrevem baseadas na obra “*Pedagogia: a ciência do educador*” (Marques, 2006 – publicada originalmente em 1990) e no levantamento de artigos no Portal de Periódicos da Capes.

Valendo-se da Análise Textual Discursiva dos referidos artigos, permitem-se afirmar que o pensamento do autor em questão “envolve um constante movimento de reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas e sua relação com o contexto social”. Destacam também a exigência hermenêutica na formação, permitindo o docente compreender “que educação não é um simples processo de transmissão de conteúdos, mas sim um processo dinâmico e interativo”. Outra ênfase das autoras acerca das contribuições de Marques refere-se à necessidade de que o professor seja também pesquisador, o que lhe permite “questionar e avaliar sua prática pedagógica para que possa desenvolver aulas que atendam às necessidades dos alunos e aos desafios da sociedade contemporânea”. Por fim, consideram que as obras de Marques, por pautarem-se em “exigências crítico-dialéticas, hermenêutica e epistêmico-instrumental na formação do professor, são essenciais quando se propõe a reflexão sobre a educação e a docência na atualidade”.

Liége de Jesus da Silva e Gian Eligio Soliman Ruschel contribuem para esse dossiê com o artigo denominado *Paradigmas do conhecimento e neomodernidade: a atualidade da proposta de Mario Osorio Marques*. Segundo os autores, “Marques possibilita o tensionamento entre cada momento paradigmático” (ontológico/das essências; da razão subjetiva/moderno; da intersubjetividade/da razão comunicativa), vinculando-os a perspectivas de verdade e seus relativos modos de educação. Acentuam que Mario assume os desdobramentos da virada linguística, situando sua perspectiva educacional no paradigma da razão comunicativa.

Vincular razão e linguagem aponta para a noção de neomodernidade desenvolvida por Rouanet e apropriada por Marques, visando a superar o “pessimismo filosófico” e o atual “clima de desesperança e desconstrução da pós-modernidade”. Segundo Liége e Gian, a aposta na neomodernidade, “como retomada de um projeto civilizatório”, mantém vivos os desafios na educação republicana, que pressupõe o “ensinar tudo a todos visando uma certa potencialidade à cidadania e a um mundo comum constituído com base na democracia e no respeito mútuo à pluralidade”.

Dando continuidade à relação desenvolvida por Mario no que respeita aos diferentes paradigmas do conhecimento e ao que ele denominava “interlocação de saberes”, o artigo denominado *Interlocação de saberes: os princípios cognitivos da complexidade no pensamento pedagógico de Mario Osorio Marques*, de autoria de Martin Kuhn, Livio Osvaldo Arenhart e Amabilia Beatriz Portela Arenhart, coloca em questão a hipótese de que Mario buscou aproximação com o paradigma da complexidade com vistas a dar conta das demandas da interdisciplinaridade.

Os autores advertem que a formação franciscana de Mario o ligou à temática do cuidado, não se limitando ao ambiente natural. Sinalizam que Mario “concebeu os ambientes educacionais, em especial a escola, através das lentes da ecologia profunda e integral”. Por fim, com vistas a corroborar a tese do artigo, referem-se à definição de pensamento complexo de Morin (2003, p. 88-89), para concluir que “o pensamento de Mario Osorio Marques, ora para as bordas, ora para o interior do paradigma da complexidade, é inteiramente pensamento complexo!”.

Com o título provocador: *Mario Osorio Marques: um profanador dos pedagogismos da morte*, Anderson Tedesco, Roque Strieder e Arnaldo Nogaró refletem “acerca das contribuições do humanista Mario Osorio Marques no contexto da educação”. Para os autores, Mario foi um pensador original, embora pouco conhecido na academia, e, com a intenção de dar visibilidade a este pensador, promovem uma “consulta a suas obras e em outros aportes teóricos, resultando em pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo e poético”. Seu intento é a crítica aos “pedagogismos” que permanecem “engessados em racionalismos instrumentais, e causam a morte da capacidade de questionar ou de profanar”.

Por fim, os autores reconhecem na obra de nosso homenageado a possibilidade de perspectivar uma “Universidade que se constitua em sabedoria apesar de conviver com o *economicus*”, capaz de “fazer brotar a curiosidade energizada, que permite romper com o empobrecimento imposto pela lógica racional, fragmentária e transmissiva.” Uma Universidade na qual o “ensinamento dos formados(as) é também criar explicações e conhecimentos que possam contribuir para uma vivência e convivências diferentes e melhores,” contribuindo “para aliviar o sofrimento bio/psico/afetivo dos seres humanos bem como suas inúmeras cegueiras antropológicas, teóricas e ideológicas dos pedagogismos da morte”.

Eduardo Barbosa Freire, Israel Luís Silva Martins e Lázaro Luis Lima comparecem neste dossiê com o artigo *Impactos do pensamento de Mario Osorio Marques no ensino de Física: uma abordagem contextual e crítica*. Para estes autores o pensamento marquesiano impacta o ensino de Física ao promover “uma abordagem crítica e contextualizada”, permitindo pensar “um ensino que integre a teoria à realidade sociocultural dos estudantes, contrapondo-se à tradicional abordagem conteudista e descontextualizada”. Concluem que “o legado de Marques permanece atual e relevante, fomentando debates sobre o papel da educação em um mundo em constante transformação”, sobretudo por enfatizar “a importância de uma prática pedagógica comprometida com a emancipação e a justiça social, consolidando-se como referência para educadores que buscam transformar suas práticas e contribuir para uma sociedade mais equitativa e plural”.

No artigo *As metamorfoses do olhar: Mario Osorio Marques como leitor de imagens fotográficas*, Ivo dos Santos Canabarro aborda a experiência de Mario “como um leitor e pesquisador de imagens fotográficas”, perguntando-se “como esse ator social contribuiu para a construção da cultura fotográfica num determinado contexto social”. A obra que serve de referência é *História visual da formação de Ijuí, Rio Grande do Sul*, produzida por Mario e Lourdes Carvalho Grzybowski. Ivo conclui que “o trabalho de interpretação de imagens, realizado por Mario Osorio Marques, foi decisivo para

a construção da cultura fotográfica no Noroeste de Estado do Rio Grande do Sul". O articulista acrescenta que Mario "foi um intérprete muito qualificado, além do conhecimento das coleções fotográficas, ele tinha um referencial teórico e metodológico capaz de fazer leituras de uma forma muito complexa e elucidativa".

Na sequência temos o artigo de Arisa Araujo da Luz, denominado *Mario Osorio Marques: conversa puxa conversa!* A autora, na condição de ex-aluna, presta uma homenagem ao professor Mario, valendo-se das "memórias e anotações pessoais do período em que fui discente do Programa de Mestrado em Educação nas Ciências." Como parte dessas memórias constam anotações como estas: "Na escrita não estamos sós'. Há uma companhia silenciosa que nos leva a escrever e ler pois, para ele, 'importa escrever para buscar o que ler', e 'importa ler para escrever o que se escreveu e o que se leu', ou, ESCREVER – LER – ESCREVER ". Em manifestação afetuosa, Arisa confessa: "escrever sobre Mario Osorio Marques tornou-se tarefa fácil. Ele, foi, para mim, o maior educador com quem convivi. Sábio no processo de ensinar e aprender".

Mario, no entender da autora, "foi e é fundamental para termos uma educação de qualidade para todos(as), com foco na qualidade de vida". Fazendo referência ao momento político atual (de afirmar a democracia diante de seus detratores), prescreve: "que voltemos a ter nas bibliografias dos cursos de Licenciatura o pensamento desse grande educador, em suas obras publicadas e escritos em artigos. Assim, devemos retomar o pensamento e a crença da educação como fenômeno primordial à vida humana, conforme ele reforçava em suas aulas e em suas obras".

Fecha esse dossiê o artigo *Ao sabor dos ventos e da imaginação: uma carta a Mario Osorio Marques*, de Adriana Maria Andreis e Oto João Petry. Como diz o título, trata-se de uma carta imaginária ao nosso homenageado. Nela, Adriana e Oto buscam recuperar os ensinamentos de Mario, os quais "permitem trazer à luz entendimentos outros sobre questões cotidianas, para problematizá-las pela interrogação envolvendo sua obra, e amparar nossos argumentos educativos cuja centralidade é a humanidade do ser".

Autora e autor encerram seu artigo com uma passagem que também ajuda no fechamento desse dossiê. Escrevem eles: "Podemos continuar nossa conversa? Talvez os colegas das demais prosas deste dossiê tragam perguntas, e até algumas respostas, sempre provisórias, evidentemente, mas menos imprecisas que as nossas. Ainda bem que a tua obra nos ajuda e continuará nos servindo de apoio para afirmar as especificidades da educação, de formação à humanidade e de um espaço-tempo que assume a centralidade no humano ser". Terminam com uma frase do próprio Mario: "Sonhar é preciso. Imaginar, muito mais. E ousar sempre" (Marques, 2003, p. 9).

Enfim, eis aí um conjunto de estudos que compõem este dossiê idealizado para reverenciar a vida e obra deste pensador da educação, ou, simplesmente, pedagogo. Mario Osorio Marques levou a sério a admoestação de Gaston Bachelard, segundo a qual todo aquele que escolheu ser educador deverá constituir-se em estudante para o resto de sua vida. Entendemos que um pedagogo que estudava merece ser estudado.

Mario, suspeito, deve ter tomado contato com a ideia do poeta Augusto Meyer, segundo a qual, "toda ideia que pousa, morreu"; assim, batia suas asas intelectuais e como beija-flor, buscava o melhor néctar de cada pensador(a). Preferia correr o risco

de ser tomado como eclético do que ser homem de uma só obra. Não pousava definitivamente em nenhum pensamento, apenas buscava energia para seguir pensando. Escrevendo e pensando.

Como herança do franciscanismo, Mario carregou a “sim-pathia”, sensibilidade para com os sofrimentos dos outros (“sofrer-junto”), em especial com aqueles que também encontram nas relações comunitárias e solidárias as forças para viver. É isto que o fazia submergir nas comunidades, para aprender com elas, mas também para pensar com elas.

Aprendeu com Fernando Pessoa que se o mundo é um erro, é um erro de toda a gente, e cada um de nós é o erro de cada um de nós apenas, coisa por coisa, o mundo é mais certo. A sua maneira dizia: “louco não é quem perdeu a razão, mas quem acha que tem razão sozinho”.

Seu maior legado existencial é o de um professor que escreve e pensa acerca do que faz. Empenhado em “transformar o mundo”, em relação solidária com a comunidade, sem nunca deixar em segundo plano a reflexão.

Nas palavras do próprio Mario: “Trata-se de repensar o próprio pensamento no que tem ele de impensado, nos seus pressupostos mais escondidos”. Para finalizar gostaria de trazer à lembrança o Mario que não respeitou as fronteiras rígidas de nenhum mundo imperativo: quando criança, projetou mundos, como jovem, teve maturidade para pôr-se a construí-los, enquanto adulto, foi rebelde como jovem, e como velho continuou a sonhar como uma criança. Sonhar com ele pode ser uma forma de tributo, afinal, sonho que se sonha só...

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

